

HISTÓRIA E MEMÓRIA: O RÁDIO POR SEUS LOCUTORES

FRANCISCO ALCIDES DO NASCIMENTO*

RESUMO: A pesquisa versa sobre o rádio no Piauí tendo como recorte temporal os trinta anos entre 1940 e 1970 – período demarcado pela instalação da primeira emissora de rádio e pela instalação da primeira emissora de televisão. A comunicação que apresento trabalha com as lembranças e a memória de homens e mulheres que atuaram no rádio durante o período estabelecido. Empregou-se a metodologia/técnica da História Oral por duas razões básicas: a primeira é resultado do descuido dos empresários com a documentação relacionada com a história e a memória desse meio de comunicação de massa no Piauí; a segunda é que dadas as condições de preservação das fontes escritas e sonoras, a única saída para a construção desta história era o emprego da metodologia mencionada.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Memória; História; Narrativas.

ABSTRACT: This research argues about the radio in Piauí in a period of thirty years, which is between 1940-1970, this because it begins with the installation of the first radio broadcasting station and the other limit is the installation of the first television broadcasting station. The communication that I present leads with remembrances and memory of men and

women who acted in radio during the period mentioned above. It was used the methodology/technique of Oral History for two basic reasons: the first one is a result of negligence of the enterprisers in relation to the documentation linked to history and memory of this mass media in Piauí; the second means that given conditions of preservation of the construction and sonorous sources, the only way out to the construction of this history was the use of the mentioned methodology.

KEYWORDS: Radio; Memory; History; Narratives.

Este artigo objetiva, em primeiro lugar, discutir como homens e mulheres utilizaram as ondas *hartesianas* para informar, divertir e encantar a sociedade, num período em que o rádio era o principal meio de comunicação de massa do Piauí, e, em segundo lugar, apresentar as formas como cada um, a partir de suas memórias, narra suas histórias, verificando como o conjunto delas conforma a história do rádio no Piauí.

O ato de lembrar é individual, entretanto as lembranças estão relacionadas com o grupo social do qual fazemos parte ou ao qual julgamos pertencer. O fato de pertencermos ao grupo faz com que algumas atitudes coletivas sejam pensadas como individuais, isto é, em contato com o grupo, passamos a nos identificar com ele e, em decorrência, a confundir nosso passado com o dele.¹

Interessa-nos focalizar os homens e as mulheres que fizeram o rádio no Piauí, no período compreendido entre as décadas de 1940 e 1970, observando como narram suas experiências individuais enquanto comunicadores de massa. “[A memória] guarda os momentos mediante a razão narrativa, presente nos sujeitos através da linguagem. Esta expressa, na razão narrativa, instrumento de poder, ausência e sedução”.² Segue uma das experiências narradas por um desses protagonistas da história do rádio no Piauí:

“Eu sempre gostei de rádio, eu ouvia muito rádio, o meu hobby maior era ouvir rádio. [...] Era a Rádio Marajoara de Belém do Pará, que, naquele tempo, tinha grande audiência no Nordeste; era a Jornal do Comércio do Recife. Eu ainda ouvia o Repórter Esso”.³

Ao narrar sua experiência com o rádio, é perceptível que Pernambuco faz a seleção daquilo que avalia como relevante para o sucesso na profissão de sonoplasta à época. Roger Chartier chama a atenção para a construção das representações do mundo social. Diz ele que, “mesmo aspirando à universidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de um grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos”.⁴

Mestrinho, como é chamado José de Ribamar Aquino Pernambuco, assiste, no presente, ao posto de trabalho do sonoplasta ser ocupado pelo locutor ou pelo computador. Procura, então, valorizar a sua participação nos primeiros tempos de rádio. Outros profissionais que trabalharam na mesma época que Mestrinho, tendo que fazer improvisos devido às condições de trabalho, manifestam orgulho por terem feito parte da construção do principal meio de comunicação de massa, à época, no Piauí, embora esse trabalho não constituísse fonte de sustento para os que aí atuavam. Há uma indicação de que todos que trabalhavam no rádio desenvolviam mais de uma atividade. Outra indicação é de que alguns locutores encontravam no patrocínio comercial uma forma de melhorar os seus salários, uma vez que, aumentando a renda da emissora, aumentava o percentual que recebia.

Na década de 1990, a discussão em torno da relação entre a História e a memória avolumou-se, em decorrência da perda da hegemonia do paradigma estruturalista em nível mais geral e, no Brasil, em virtude das transformações sociopolíticas. Contudo, nunca é demais lembrar, essa discussão não é nova, tendo sido tratada com muita propriedade por Henri Bergson⁵ e Maurice Halbwachs,⁶ por exemplo. Na segunda metade do século XX, Pierre Nora⁷ desenvolveu uma pesquisa denominada de “lugares da memória”. Esse autor contribuiu para a discussão, no Brasil, da relação entre História e memória, uma vez que vários textos de sua autoria foram traduzidos para o português.

Em nosso país, a partir das matrizes supramencionadas ou não, a discussão em torno da temática tem aparecido em livros e revistas especializadas, conferências etc. Acredita-se que a explosão do emprego da História Oral tenha contribuído de forma fundamental para aumentar o interesse pela discussão em torno da relação entre História e memória.

Os críticos do emprego das fontes orais na construção da narrativa histórica esquecem, por vezes, que toda e qualquer fonte está impregnada de subjetividade, uma vez que o autor é um ser humano. Por outro lado, é sempre necessário recordar que a “memória não é fiel aos fatos”, assim como também não se pode afirmar que os documentos escritos o sejam, já que existe sempre um intermediário entre a narrativa do acontecimento e o próprio acontecimento. É preciso pensar que a diferença entre uma fonte e outra reside no fato de que, nos arquivos, os documentos escritos só respondem àquilo que o historiador pergunta, e que ele, no geral, não participou da construção desses documentos. No caso das fontes orais, o historiador junto com o entrevistado constroem o documento e, nessa construção, a subjetividade é “visível”. Ali, o historiador trabalha com papéis velhos e empoeirados, aqui o historiador lida com gente viva e “gente não é papel”.

Os críticos também argumentam que a memória não é confiável como fonte histórica porque fica distorcida pelos seguintes elementos: deterioração física e a própria nostalgia comum àqueles com idade avançada; as tendências pessoais tanto do entrevistador como do entrevistado, e a influência das versões coletivas e retrospectivas. Acrescentam ainda que a memória individual é ideológica, mitológica e, portanto, não confiável. Tal postura, a nosso ver, sustenta-se na concepção, já um tanto arraigada, de que a *História* é propriedade de instituições e historiadores profissionais. Nessa perspectiva, estabelece-se um embate entre a memória de alguns bilhões de seres humanos e a história de alguns poucos historiadores profissionais.

Acredita-se na História Oral porque ela pesquisa a memória de indivíduos contrapondo-se a essa memória concentrada em mãos restritas de historiadores profissionais. Por outro lado, deve-se considerar que o recurso da História Oral contribui de forma inestimável para a preservação da memória coletiva, a qual é um processo que acontece agora, quando o texto está sendo pensado e construído, por uma razão muito simples: todos dele participam.

Por conseguinte, consideram-se necessárias algumas palavras sobre a entrevista. Palhares-Burke⁸ defende que o papel de um entrevistador é forçar a intimidade fazendo o entrevistado falar sobre o que não falaria por si mesmo. Para isso, entretanto, alguma preparação preliminar

é absolutamente imprescindível a fim de se conhecer detalhadamente a vida do entrevistado, e isso demanda estudo, pesquisa sobre quem é, o que fez/faz, que interesses possui, o contexto onde atuou/atua. É indispensável também a preparação de um roteiro de entrevista, mesmo que seja uma entrevista de história de vida, na qual o entrevistador interfere o mínimo possível. Necessário ainda, é considerar que nem sempre as relações entre entrevistado e entrevistador são amistosas, o que realça mais o fato de que geralmente as pessoas não gostam de exibir sua intimidade, muito menos o que existe em sua mente, a exemplo das lembranças. Isso, portanto, deve levar à busca de um clima de camaradagem e, muito especialmente, de respeito mútuo.

A década de 1930, no que diz respeito à radiodifusão, é marcada pelo aumento da produção de aparelhos de rádio, embora os componentes continuassem sendo importados. Logo no início dessa década, o governo tentou, pela primeira vez, a implantação de um Código de Comunicações, através do Ministério de Viação e Obras, que tinha como ministro o paraibano José Américo de Almeida. Naquele mesmo ano, Getúlio Vargas autorizou a veiculação de propaganda pelo rádio.

No processo de modernização do Estado brasileiro, o rádio foi um instrumento poderoso na divulgação do ideário estadonovista, e Getúlio Vargas soube como empregá-lo na construção do mito do “pai dos pobres”. A técnica da propaganda explorava exaustivamente um dado clima de religiosidade constitutivo das relações entre o chefe e os comandados, que se consubstancia principalmente no culto de veneração à pátria. A partir de 1943, o ministro do Trabalho começou a transmitir, através do rádio, uma série de palestras dirigidas aos trabalhadores. O programa foi denominado de “Hora do Brasil”, e todas as emissoras de rádio existentes no país eram obrigadas a fazer a sua transmissão. O Estado Novo é apresentado como o responsável pela reabilitação da dignidade do trabalho e do trabalhador.

Antes do golpe, Getúlio Vargas, discursando no 1º de maio de 1937, informou que o governo estava ultimando esforços para aumentar o número de estações radiofônicas e anunciou o propósito de instalar em todo o interior do país receptores providos de alto-falantes, em logradouros públicos. O governo sabia que o contingente de analfabetos do país era enorme. Em 1920, o percentual era da ordem de 65,2% do

total de brasileiros. Em 1940, houve queda no percentual, mas o índice continuou muito alto, o que, olhando da perspectiva de criação de uma imagem positiva do chefe, justificava a “preocupação” de Getúlio Vargas em espalhar emissoras de radiodifusão e aparelhos receptores, além de amplificadoras. Isso pode ser confirmado através dos seguintes números: entre 1932 e 1937 foram instaladas no Brasil 42 novas estações, que, somadas às existentes, totalizaram 63. Em 1944, havia 106 estações em funcionamento; em 1945, 111. Durante o Estado Novo, o número de aparelhos receptores registrados subiu de 357.921, em 1939, para 659.762 em 1942.

Em Teresina, as informações mais remotas sobre os meios de comunicação de massa nos remetem às amplificadoras, sendo que o serviço de alto-falante mais antigo da cidade pertencia às Lojas Pernambucanas⁹ localizada na Praça Rio Branco. Tal amplificadora, além de fazer a propaganda da loja, funcionava no turno da noite, levando as pessoas a se dirigirem àquele logradouro para ouvir músicas. Em 25 de dezembro de 1938, inaugura-se a Rádio Amplificadora Teresinense, ou a “A voz da cidade”, como seus locutores a caracterizavam. Essa rádio, pertencente ao Senhor Juarez Santana, é tida como a mais antiga amplificadora comercial de Teresina. Fazia propaganda e divulgava notícias que interessavam ao público em geral. Era comum também transmitirem solenidades. Esse meio de comunicação, destinado a pequenas cidades, cumpria bem o seu papel em Teresina. Outros serviços de alto-falante que funcionaram em Teresina foram a Amplificadora Cultural, de propriedade da Arquidiocese, e outra amplificadora pertencente à casa comercial A Rianil.

Um narrador que iniciou sua carreira de “homem de rádio” na Amplificadora Cultural informa que começou meio que de brincadeira, nas folgas, e não ganhava nada: “Trabalhei na Amplificadora Cultural, que era de propriedade da Arquidiocese. [...] O que ganhava quando trabalhava na amplificadora pagava simplesmente a entrada do circo quando vinha aqui, e entrada do cinema porque a gente fazia propaganda”.¹⁰

A participação popular ainda não se fazia com intensidade, a não ser como ouvinte passivo: “o povo apenas gostava de ouvir, ninguém pedia nem oferecia nada a ninguém, salvo quando havia festa, que as amplificadoras, às vezes, eram deslocadas, então tinham aqueles pedidos.

Passavam aqueles telegramas, haviam os recados”.¹¹ Vale lembrar que esse meio de comunicação também estava sujeito à legislação concernente à radiodifusão.

Em junho de 1940, o *Diário Oficial* informava que uma comissão constituída por personalidades do comércio local manteve entendimento com o interventor federal, no sentido de obter apoio para a criação de uma sociedade que deveria explorar a radiodifusão. O articulista defende a idéia porque acredita que “[...] vai aumentar o índice de progresso, em particular em Teresina, e em geral, de todo o Piauí que não pode ficar em plano inferior aos seus co-irmãos, nesta fase de completa evolução”.¹²

Em reunião realizada no Clube dos Diários, em 4 de junho de 1940, dirigida pelo interventor federal Leônidas de Castro Melo, é nomeada uma comissão que deveria tratar da criação da sociedade de radiodifusão. Em seu discurso, o interventor afirma que se havia manifestado anteriormente sobre a adesão do governo, a qual deveria se consubstanciar na participação do Estado e Municípios com 2/3 do capital necessário. Acrescenta ainda: “a futura Estação de Teresina só corresponderia aos anseios dos piauienses se possuísse um raio de ação necessário e se fazer ouvir por todo o território nacional”.¹³

Percebe-se que a idéia de grandeza dos regimes nazi-fascistas atinge o interventor federal, afeito ao ideário estadonovista de uma nação forte, una, sem contradições, sendo que o rádio deveria ser um dos instrumentos utilizados para esse fim. Provavelmente Leônidas de Castro Melo tinha acesso ao que Agamenon Magalhães, interventor de Pernambuco, produzia. Esse interventor defendia que a imprensa cumpria papel de mediadora entre governantes e governados. “Converso todos os dias pela manhã e pela tarde com os meus governados, com o povo, dizendo o que penso, o que sinto, comunicando e recebendo inspirações para as boas ações e para verdade”.

O *Diário Oficial* noticiava que a criação da sociedade com o nome de Rádio Clube do Piauí conta com o apoio “[...] do governo do Estado e dos municípios, que garantiam entrar com 450:000\$000 do capital necessário para a instalação da emissora, como também do comércio, da indústria, do clero e do povo em geral. Ninguém ignora tratar-se de um empreendimento louvável, digno dos mais francos aplausos, pois nossa capital é uma das poucas que ainda não conta com uma estação

irradiadora, índice moderno de progresso em todos os ramos da atividade humana”.¹⁴

Nos dias que se seguiram à criação da sociedade, o presidente Cícero da Silva Ferraz recebeu telegramas dos prefeitos de todos os municípios piauienses com manifestações de apreço, congratulações etc.

“Anda, pois, muito bem, o progressista governo do Piauí e os particulares que fundaram nesta nossa sociedade uma emissora de potência o bastante para ser ouvida em todo o país. Daí os congratulatórios telegramas que chegaram a esta capital dirigidos a nosso presidente, Dr. Cícero da Silva Ferraz, firmados pelos ilustres prefeitos municipais do Estado e por entusiastas coestaduanos nossos residentes em Estados outros”.¹⁵

Embora o governo do Estado e prefeitos municipais, através do interventor federal, tenham se comprometido em assumir a maior parte do capital a ser empregado na aquisição e instalação da emissora de rádio, a direção da organização deveria ficar com a iniciativa privada. Entretanto, pouco a pouco, o discurso do governo vai ficando mais claro com relação à sua expectativa de utilização no novo canal de comunicação de massa:

“Não há dúvida que este será um grande empreendimento, a ele dá absoluto apoio, seguindo o exemplo dos demais administradores das unidades federadas, os quais reconhecem e proclamam em documentos, as vantagens das estações de rádio para divulgação de todos os atos da pública administração”.¹⁶

É muito provável que o interventor se sentisse incomodado com a condição de governante de um dos poucos estados que não dispunha de uma emissora de rádio, o que o impedia de seguir os passos de Getúlio Vargas, que se utilizava do rádio para “prestar contas à nação”, ou de imitar Agamenon Magalhães, no seu programa na Rádio Clube do Recife, onde dizia conversar com os seus coestaduanos.

No entanto, apesar desses anseios, e embora a diretoria da Sociedade Rádio Clube do Piauí tenha recebido e estudado propostas de casas

especializadas no fornecimento de material e montagem de emissoras de rádio, o projeto não se concretizou. A primeira emissora de rádio sediada em Teresina só entraria em funcionamento a partir de 1948.

Em termos de estado, surgiu a Rádio Educadora de Parnaíba. A data tomada como oficial é 3 de maio de 1940, isto é, dezoito anos depois de ter surgido a primeira estação de rádio no Brasil. A Rádio Educadora nasceu com a transferência do rádio-técnico Evaldo Carvalho, que trocou Fortaleza por Parnaíba, onde instalou sua oficina numa dependência do escritório de Alcenor Madeira, à época, um revendedor de rádio-receptores. Os dois foram responsáveis pelas primeiras experiências com o rádio em Parnaíba, empurrados que foram pela necessidade de aparelhagem que ajudasse no labor cotidiano da oficina:

“Quando das experiências de calibragem do rudimentar aparelho de fabricação de Evaldo e Alcenor, notaram eles que o oscilador estava extraordinariamente potente para os fins a que destinava, pois sua onda causava interferência nos receptores vizinhos. Foi quando de ambos os experimentadores surgiu a lembrança de adaptar uma antena ao oscilador, o que foi feito imediatamente. Logo depois, Evaldo saiu percorrendo as casas da vizinhança e com satisfação, notava que uma intensa onda de rádio-frequência estava chegando a todos os rádios-receptores”.¹⁷

A Rádio Difusora de Teresina Ltda. foi instalada no dia 13 de julho de 1946, mas só foi ao ar em 18 de julho de 1948, operando em ondas largas (ZYQ-3). O jornal *O Piauí* informava aos seus leitores, no dia 17 de julho de 1948, que, no dia seguinte, seria inaugurada a Rádio Difusora de Teresina Ltda. Nascia com a condição de ser a mais potente do Piauí:

“A benção do transmissor em frente ao Pirajá, teve lugar às 16h30, sendo oficiante o Ver. Pe. Antônio Rego, representando S. Excia. Rvma. D. Severino Vieira de Melo, bispo de Teresina, e com a presença do Sr. Governador do Estado, Dr. Rocha Furtado, do Secretário Geral do Estado, Dr. Agenor Almeida, de várias outras autoridades, representantes da imprensa”.¹⁸

Em 5 de junho de 1949, a Rádio Difusora passa a operar em ondas curtas (ZYU-8), tendo nascido a partir de uma sociedade por cotas da qual participaram Cláudio Pacheco Brasil, Sigefredo Pacheco e Alzira Torres de Sampaio Pacheco Ramos Leal (esposa de Waldemar Ramos Leal), um grupo que tinha como suporte uma determinada família com alguma densidade eleitoral em Campo Maior, cidade localizada ao norte de Teresina. A estação ZYQ-3 fez sua primeira emissão na frequência de 1.370 Kc/s e na potência de 1KW, depois elevada para 10 KW. Entrando no ar em 1948, 28 anos depois de fundada a primeira emissora no país.

O que poderia explicar tamanho “desinteresse” por este meio de comunicação de massa que revolucionou as bases da cultura nacional, unindo uma sociedade espalhada por um imenso território? Em primeiro lugar, é necessário salientar que o rádio teve um desenvolvimento tardio no país. Enquanto na Europa as transmissões tiveram lugar sobretudo no contexto da Primeira Guerra, no Brasil, sua introdução se deu no início dos anos 1920, mas tantos eram os problemas técnicos de transmissão que, só a partir dos anos 1930, o impacto desse meio de comunicação começa a ser sentido na sociedade. Tal fato está relacionado com a introdução dos rádios de válvula e com a mudança de legislação, permitindo a publicidade, fixado inicialmente um limite de 10% da propaganda diária. Com tal mudança, as emissoras podiam contar com uma fonte de financiamento constante e estruturar suas programações em bases mais duradouras.

Todas essas dificuldades podem ter contribuído para o surgimento tardio da primeira emissora de rádio no Piauí. Todavia, tudo indica que a questão central era, antes de tudo, a falta de recursos financeiros e, de forma secundária, o tamanho e a densidade demográfica das principais cidades piauienses. A maioria da população ainda morava no meio rural.

Em 1952, Teresina comemorou cem anos de fundação, e as autoridades estaduais e municipais montaram uma vasta programação. Para as festividades, foram convidadas autoridades e figuras de destaque da vida nacional, como Assis Chateaubriand, à época, proprietário da maior rede de jornais, rádios e televisão – os Diários Associados.

Nos primeiros anos da década de 1940, os Diários Associados estavam se transformando em uma grande rede de rádios e jornais, e a Difusora de Teresina foi adquirida pelo grupo. A emissora foi comprada

por 300 mil cruzeiros, divididos em vinte parcelas de 15 mil cruzeiros. O grupo que detinha o maior número de ações da emissora era constituído por integrantes da família Pacheco. Cláudio David Pacheco disse a pessoas mais próximas que não recebeu nenhum centavo dos cofres dos Associados. Os sócios receberam pela venda sim, mas foi a própria emissora que lhes pagou, ou seja, a Difusora foi paga com a renda obtida através do trabalho que prestava à sociedade piauiense.

Em dezembro de 1952 chegou à cidade José Eduardo Pereira, para assumir a Gerência Geral da Rádio Difusora de Teresina, onde já encontrou Astrolábio Paiva e Silva na Superintendência, e José Lopes dos Santos, que ocupava o cargo de Diretor Executivo, além de Diretor do *Grande Jornal Q/3*.

Com a experiência adquirida em Recife, que à época figurava entre as capitais mais bem dotadas de emissoras de rádio, José Eduardo Pereira montou uma programação mais eclética, mas manteve *O Grande Jornal Q/3*, e, dessa forma, passou a contar com a colaboração de José Lopes dos Santos, que considerava aquele noticioso “a menina dos seus olhos”.

O noticiário falado foi um dos ganchos do rádio no país e no Piauí. Todos os ouvintes que viveram em Teresina se lembram do jornal transmitido pela Rádio Difusora de Teresina, *O Grande Jornal Q/3*, que prendia o teresinense em casa. José Lopes dos Santos, que o dirigiu de 1951 a 1980, afirma que esse jornal se tornou famoso e imprescindível na vida do piauiense ao longo de trinta anos, tendo expressiva influência em todas as atividades do Estado.

José Lopes dos Santos assumiu a direção administrativa da emissora em 1952 e foi difícil convencer os ouvintes de que ela não seria transformada, a partir daquela data, em instrumento de divulgação das idéias do Partido Social Democrático, uma vez que Santos tinha sido prefeito de uma pequena cidade por aquele partido. Construiu-se em Teresina a representação de que a maioria da população de votantes da cidade era udenista. Seja tal suposição verdadeira ou não, o fato é que o teresinense desconfiava de que a Rádio Difusora seria transformada em palanque eletrônico do PSD.

A desconfiança foi sendo desmontada por Santos uma vez que procurou levar para a emissora pessoas ligadas aos três grandes partidos

da época, o PSD, a UDN e o PTB. “Agindo com prudência, paciência e bom senso, consegui fazer com que, tanto na capital quanto no interior do Estado, passassem a dar crédito ao Q/3 e dele se tornassem espontaneamente ouvintes obrigatórios”.¹⁹ “A Rádio Difusora tinha uma equipe que prezava muito pela parte de noticioso. [...] O Jornal Q/3 era um jornal que em Teresina todo mundo conhece. Esse pessoal das antigas sabe o que é o Jornal Q/3”.²⁰

A direção da emissora aproveitou uma prática cotidiana do teresinense, no começo da noite, que era ouvir o programa *A Hora do Brasil*, colocado no ar em 1931 e reestruturado em 1939, depois da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O noticioso tinha como objetivos informar as principais atividades do governo, construir uma identidade cultural para a sociedade brasileira e desenvolver o espírito cívico do povo brasileiro. Na esteira da *Hora do Brasil*, a Difusora colocava no ar O Grande Jornal Q/3, no horário de 18h às 19h.

“Era como se fosse na televisão hoje, com gravações e tudo. Você ia para o aeroporto, fazia reportagens lá, trazia a parte que você queria, deixava tudo na fita [...] era fita de rolo. Na hora do jornal, já estava ali com o script, cada locutor com script mas operador acompanhado... ‘chegou em Teresina hoje o Alberto Silva, ele falou no aeroporto’, e aí eu soltava aquela gravação de um minuto, de dois minutos, dependendo do assunto. Você soltava aquela gravação como se fosse um jornal de hoje, jornal de televisão, sem imagem”.²¹

A avaliação que o entrevistado faz é de um homem que viveu por dentro a construção de um noticiário que informou, mas que também influenciou nas representações construídas pelos habitantes de Teresina acerca das sociedades brasileira e local.

Montar um programa noticioso como o Grande Jornal Q/3 não era simples. Em primeiro lugar, porque os recursos técnicos ainda eram muito limitados. Um exemplo emblemático: o gravador utilizado ainda não era o portátil:

“O gravador era o de fita de rolo, um aparelho de aproximadamente meio metro de comprimento por quarenta de altura. A

cidade não dispunha de corrente elétrica constante. Chegava lá [no aeroporto,] aproveitava na hora que tinha luz, você ligava aquele gravador de rolo para fazer as gravações. Quando você chegava [na emissora], pegava a fita, geralmente tinha outro gravador grande, e aí você fazia a edição do que você queria para o jornal”.²²

O Grande Jornal Q/3 tinha repórteres atuando nos principais locais onde a notícia podia ser gerada. Álvaro Lebre, que ficou conhecido no rádio como Al Lebre, foi para a Rádio Difusora em 1956 e, depois de um teste, começou a trabalhar em um programa de auditório chamado *Variedades Rodrigues Filho*, mas apresentou um programa sozinho e, durante algum tempo, foi repórter do *Grande Jornal Q/3*.

Seja como for, o fato é que o rádio, apesar das dificuldades tecnológicas, começa a fazer parte do cotidiano das pessoas pelo interior deste imenso país e a mexer com o imaginário delas. Raimundo Nonato de Santana recorda da família, ou pelo menos da maioria dela, ao pé do rádio ouvindo novelas. Pode-se imaginar que, à época, as condições técnicas para a escuta não eram boas, pelo menos em alguns períodos do dia. Os técnicos de rádio da cidade indicavam que os horários vespertino e noturno eram bons para sintonizar as emissoras do sul do país.

É preciso dizer que a década de 1930 também foi marcada pelo aumento na produção de rádio-receptores, embora os componentes continuassem sendo importados. Nessa década, são introduzidos os rádios de válvula, fato que provoca a lenta invasão do rádio no universo doméstico, que será marcante apenas na década seguinte, “[...] com a ampla penetração e a abrangência da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. O brasileiro já podia ligar o rádio em casa, e conectar-se não apenas com o espaço socializado e partilhado, mas também com aquela nova e (longínqua) República”.²³

A elite alfabetizada e com um certo poder aquisitivo tinha o seu desejo aguçado pela propaganda veiculada através dos jornais escritos. Uma casa comercial com matriz na cidade de Parnaíba e filial em Teresina, a Poncion Rodrigues & Cia Ltda, divulga semanalmente que representa no Piauí a marca Philco, “de fama mundial pela qualidade. Recebemos novos e sensacionais modelos para 1948. Não compre um rádio comum,

compre Philco: 5 válvulas – ondas largas e curtas (três faixas), e seis válvulas ondas largas curtas (quatro faixas)”.²⁴ O rádio é oferecido como um instrumento de lazer e que tem a capacidade de melhorar o nível de vida do ouvinte já que ele terá como ouvir uma boa música, estará bem informado com as últimas notícias de todo o mundo e viverá melhor com “conforto e alegria”.

Pode-se afirmar que é partir da Segunda Guerra Mundial que os aparelhos de rádio começaram a generalizar-se. Nunca é demais lembrar que, no Piauí, a maioria da população não possuía rádio em casa e as pessoas o tinham o alimentavam com baterias, sendo que o fornecimento de energia elétrica, até a inauguração da Barragem de Boa Esperança, na década de 1970, era cortado às 21 horas.

Em 1941, a Rádio Nacional lançou a primeira radionovela brasileira, que se chamava *Em busca da felicidade*, de autoria do cubano Leandro Blanco, patrocinada pelo creme dental Colgate. A sonoplastia fazia o ouvinte montar a sua própria história, e é inegável que as radionovelas ajudavam nesse processo. A Rádio Difusora de Teresina, seguindo o exemplo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, constituiu um grupo de rádio-atores e passou a produzir e transmitir novelas como *Santa Teresinha*, levada ao ar partir das 18 horas, *Maria Bonita e Lampião* etc. Ana Maria Rego, uma senhora de 68 anos de idade que fez parte do grupo de atrizes que atuou na Rádio Difusora, chegou à emissora em 1955, com experiência em teatro adquirida em Floriano, cidade onde nascera e fizera parte de grupos de teatro amador.

Sobre a novela *Maria Bonita e Lampião*, Ana Rego recorda que atuou no papel de Maria Bonita: “[...] eu era a Maria Bonita e o Rodrigues Filho era o Lampião. No rádio foi ele que ajudou a fazer de mim, hoje, uma atriz”.²⁵ Ana Rego avalia que não era difícil fazer as novelas no rádio:

“As novelas eram muito fáceis de fazer... de serem feitas... porque eram lidas [...] E os companheiros eram muito bons, companheiros alegres, comunicativos, dava impressão de que estávamos até em casa, uma maravilha. Mas também tinha aquela disciplina porque o Rodrigues [Filho] não aceitava anarquia e brincadeiras. A gente gostava de brincar, brincava-se muito, mas ele não gostava. Às vezes se dizia uma palavra errada e começava-se

a ralar um com o outro [...] Nós tínhamos ainda o Al Lebre, a Miriam Lopes dos Santos, a Michele, que era contabilista, mas que sempre trabalhava conosco, Ana Maria Cunha, os meninos, eu não lembro bem, mas era uma plêiade de jovens maravilhosos que trabalhava com muito carinho e dava ênfase àquele trabalho e a gente sentia por eles”.²⁶

Ana Rego representa bem o comportamento dos rádio-atores que compunham o elenco de artistas da terra. O rádio encantava não só aos ouvintes, também os profissionais do rádio eram envolvidos pelo *glamour* que o veículo provocava. Ana Rego, em determinado momento da entrevista afirma que “fazer novelas era muito fácil”. Se isso é verdadeiro, só pode ser avaliado do ponto de vista dos rádio-atores, porque não parece que tenham a mesma opinião aqueles que trabalhavam na sonoplastia. No caso específico da Rádio Difusora de Teresina, temos a narrativa de José Raimundo Teixeira e Silva, hoje com 70 anos, que foi sonoplasta da emissora por ocasião das radionovelas:

“Essa coleção de discos em inglês, então como ele sabia falar inglês, ele traduzia todas aquelas faixinhas. Eram discos de cera e cada faixinha tinha um som diferente. Tinha trem, tinha o cavalo correndo, tinha a sirene da polícia, tinha cavalo relinchando, tinha um tiro, tinha a tempestade. Agora a gente tinha que prestar muita atenção a isso porque na hora, muitas vezes, o sujeito que leva um tiro não pode levar um cavalo correndo. Mas um dos fenômenos muito interessante dessas novelas ao vivo fazia, que as novelas gravadas vieram depois de certa ocasião. [As novelas] eram rodadas sempre no horário de uma e meia da tarde. Então, nesse período, passava uma novela que se passava no deserto de Saara. A pessoa que ia no deserto sentia muita sede e nossos estúdios nesse tempo, nós tínhamos ventiladores, não se falava em ar condicionado em Teresina, era o ventilador. Nós estávamos trabalhando em um estúdio e quando entrava a propaganda a gente abria uma janelinha para entrar um ar frio e a propaganda terminou e começamos a novela, e a pessoa esqueceu de fechar a janelinha e a cena se passava no deserto, no Saara [...] um cidadão com

muita sede, pedindo água, morrendo de sede e aí entrava a sonoplastia, dando aquela idéia [...] Passava um picolezeiro pelo lado da rua, ali na rua e gritava ‘picolééé, a essa altura eu tive que subir a música e fiz lá um movimento para que as pessoas não percebessem, mas muita gente percebeu. [...] Saiu picolé no deserto”.²⁷

Esse depoimento nos permite, em primeiro lugar, perceber que o entrevistado “viveu por dentro” a fase da improvisação do rádio no Piauí. Depois, que ele demonstra competência para o improviso, mas tem o cuidado de informar que era necessário ter muita atenção para não cometer erros porque a população ouvia, no caso específico, as novelas, e reclamava. Depois, na narrativa propriamente dita, relembra dos detalhes na cena: um estúdio fechado para não captar ruídos externos, sem condicionadores de ar, porque eles ainda não tinham chegado a Teresina, a abertura da janela para melhorar a qualidade do ar no estúdio, o fim da propaganda e o reinício da novela com a possibilidade de ruídos externos, o grito do picolezeiro em meio a uma novela localizada no deserto de Saara, onde um homem pede água, não esquecendo o entrevistado do horário em que era irradiada a novela. São detalhes de uma cena reconstituída através da memória. Pode-se assim dizer que tal cena transformou-se em marca de memória

Sem dizer uma palavra sobre o clima da cidade, o entrevistado acaba por recuperar um dado acerca de uma atividade econômica: a venda de picolé, impulsionada pela média de temperatura de Teresina, que é de aproximadamente 36 graus centígrados. Em estúdio fechado, essa temperatura tornava-se mais alta, o que não é lembrado como um elemento impeditivo para o trabalho dos rádio-atores e sonoplastas. As condições adversas não importavam. “O mais importante, como se diz no rádio-teatro, o que importa mesmo no teatro é o que não aparece, é o que fica atrás da cortina, nos bastidores”.²⁸

Acima se referiu ao momento áureo do rádio e, nele, à improvisação. É muito provável que esse fosse o elemento que dava mais vida ao meio de comunicação. Se o disco em que era representado um cavalo correndo quebrava e não tinha como substituí-lo,

“[...] se improvisava muita coisa. O fogo, o fogo em geral, a gente pegava este papel celofane e ficava passando na mão. O som do microfone reproduzia o incêndio. Você pensava que era incêndio, percebia. [...] Uma porta batendo. A gente tinha que arrancar uma porta, seja como fosse, que se pudesse bater. A gente conseguia uma porta pequena só para fazer aquele jogo. [...] A ventania, muitas vezes, a gente jogava o ventilador, jogava o ventilador em cima do microfone, provocava aquilo tudo. O som era outro. Porque tudo era ao vivo, nada era gravado porque não existia gravador”.²⁹

Sobre esse aspecto, Álvaro Lebre afirma: “Eu trabalhei no rádio num tempo em que se fazia as coisas por amor e menos pelo dinheiro. Tínhamos poucos recursos técnicos. Era basicamente um microfone”.³⁰

Retomando o depoimento de José Teixeira, ele imagina como será a recepção dos ouvintes, isto porque avalia a sensação que os sons de chuva, fogo, vento que ele constrói usando as mãos e, às vezes instrumentos toscos, lhes remete para aqueles fenômenos físico-químicos. Mas tudo isso não passa de ilusão, fabulação, ficção, transformadas em história, que é a experiência de vida, a história vivida.

Não temos a ilusão de que o narrador, no momento de sua fala, seja capaz de seduzir, desviando as atenções para as cenas de fulgor de sua vida. “Assim, a linguagem, a partir da razão narrativa, registra contornos presentes no falar dos sujeitos, demonstrando o acontecido nas dobras do tempo, como um evento que se caracteriza pelo pressuposto da verdade vivida”.³¹ Percebe-se, com José Raimundo Teixeira, a recuperação da intensidade com que viveu a experiência de ser um sonoplasta que improvisava, e, por isso mesmo, que o seu trabalho atingia um sem número de ouvintes que reclamavam das falhas cometidas, quando percebidas. Isso não significa necessariamente que o relato não “aponte para o exercício de reviver experiências/acontecimentos/fatos, possibilitando ao ouvinte transportar-se para o cenário/contexto reinventado”.³² As construções de memórias não estão isentas de juízo de valor, mas isso não pode ser interpretado como um problema, muito pelo contrário, é necessário reconhecê-lo, compreendê-lo, interpretá-lo. Os trechos dos depoimentos de dois entrevistados a seguir podem ilustrar o que acabamos de afirmar.

Álvaro Lebre, lembrado há pouco, ficou conhecido no rádio piauiense através dos microfones da Rádio Difusora de Teresina. Ali apresentou um programa matutino cujo nome era *Vamos Acordar*. Usava um chocalho para acordar os ouvintes. Mas o programa seguia uma fórmula que, no Piauí, sempre fez muito sucesso: transmitir recados para moradores de Teresina, mas muito especialmente para pessoas de outros municípios. Os autores dos recados se deslocavam para a capital do Piauí para tratamento de saúde, por exemplo, e para informar sobre o andamento do tratamento ou para solicitar apoio na volta, empregavam os programas de rádio para se comunicar. Al Lebre também fazia convites “para festa, missa, enterro, batizado, casamento, o diabo a quatro”.³³

Em sua primeira versão o programa tinha duas horas de duração, de 5 às 7 da manhã. Apesar de ter conquistado uma legião de ouvintes, certa feita ao terminar o programa, deslocou-se para o Mercado Central, localizado na Praça Deodoro, para tomar café. Al Lebre sempre se dirigia para uma mesma banca que servia *cuscus de milho* e um mingau conhecido na cidade pelo nome de *chá de burro*. No meio do desjejum puxou conversa com a dona da banca, perguntando se ela gostava de rádio. Ela respondeu que a emissora que mais ouvia era a Rádio Pioneira de Teresina, uma concorrente. Depois Al Lebre insistiu na conversa e perguntou qual era o programa de preferência da proprietária da banca. Ela respondeu que era o programa *Vamos Acordar* do Al Lebre. Veio a pergunta seguinte: “[...] e o que a senhora mais gosta no programa”. A resposta foi arrasadora: “[...] é quando seu Al Lebre diz: acabou o programa”.³⁴ Essa é uma das muitas piadas que circularam entre os profissionais de rádio do Piauí.

Acredita-se que Al Lebre tenha feito muito sucesso com o seu programa, uma vez que graças a ele foi eleito por duas vezes para a Câmara de Vereadores de Teresina.

Dídimo de Castro começou na Rádio Difusora, mas transferiu-se pouco tempo depois para a Rádio Pioneira de Teresina, emissora ligada à Arquidiocese de Teresina. O nome escolhido por Dom Avelar, o bispo da Arquidiocese, “Pioneira”, provocou alguns “ruídos”:

“A Rádio Pioneira, em 1962, então tínhamos o MEB (Movimento de Educação de Base). O MEB tinha um programa na Rádio

Pioneira em Teresina e em muitos lugares. As pessoas tinham um rádio cativo. Aquele rádio só sintonizava a Rádio Pioneira, então, isso fazia parte do Movimento de Educação de Base, um programa educativo, comandado pela Diocese de Teresina através do MEB. E era por isso que Dom Avelar justificava o nome Pioneira, porque a Rádio Pioneira não foi a primeira rádio de Teresina, a primeira Rádio foi a Difusora. Então, Dom Avelar explicava o pioneirismo em nível de trabalho na Educação de Base”.³⁵

Sobre essa mesma questão, José Raimundo Teixeira se pronuncia:

”A pioneira no Piauí é a Rádio Educadora de Parnaíba. Esta é que é a pioneira no Piauí, depois veio a Difusora, que é do fundador da Rádio Educadora de Parnaíba e fundador da Rádio Difusora de Teresina, juntamente com a sociedade daquele município e da nossa capital, chamava-se Alcenor Sérgio Madeira”.³⁶

Percebe-se uma disputa em torno da idéia do ser pioneiro, do ser primeiro, e a questão não é apenas semântica, afinal de contas são duas emissoras plantadas em Teresina, que disputavam entre si um mesmo mercado, embora esse viés não apareça na discussão. O ser pioneiro da Rádio Difusora de Teresina é respaldado na cronologia, pois a emissora foi inaugurada, como vimos anteriormente, em 1948. O ser pioneiro da Rádio Pioneira é justificado pela sua programação, já que a emissora nasceu de um projeto da Arquidiocese de Teresina, possuindo uma programação com marcas diferentes daquelas de caráter eminentemente comerciais, com um programa de educação à distância, nos moldes daqueles promovidos pelo MOBREAL e Projeto Minerva, implantados pela ditadura militar. A Rádio Pioneira também prestava outros serviços na defesa dos segmentos sociais menos privilegiados. Destaca-se também ter sido ela a primeira emissora a adquirir um carro e a fazer transmissões radiofônicas a partir dele, uma revolução para a época.

Ainda na fase inicial do rádio no Piauí, um acontecimento marcante para a cidade é narrado por um diretor da Rádio Difusora de Teresina: a chegada da imagem de Nossa Senhora de Fátima à capital do Piauí em

1952. José Eduardo Pereira percebeu que aquele era um momento ímpar para adquirir a confiança dos seus subordinados na emissora e aumentar o prestígio da rádio. Decidiu então fazer a cobertura da passagem da santa pela cidade, conforme relata:

“Agora custou muito, muita dificuldade para nós, primeiro porque nós fomos, começamos a irradiar de Timon, de lá, quando ela saltou a Timon fez o cortejo todo, e a gente em diversos pontos da cidade fez a cobertura. Logo em seguida, a turma tem que desmontar o negócio todo. Já havia uma equipe aqui fazendo o trecho da Estação. Na Estação já estava o José Lopes dos Santos, que acompanhou o cortejo pela Avenida Frei Serafim até chegar na Igreja de Nossa Senhora das Dores. Mas sabe por que era difícil para nós, na época? É porque para transmitir externamente a gente fazia por meio de fio. Nós... só para esta transmissão da Nossa Senhora de Fátima... comprei quilômetros de fio [...] tudo era feito no fio, futebol... todo domingo a gente irradiava do Lindolfo Monteiro era na base do fio. Tinha que puxar o fio de poste em poste até chegar aqui [na Difusora]. Se a gente queria transmitir do Karnak aí levando os fios, a CEPISA permitia, na época era o IAE, aí já tinha uns grampos que a gente já fixava nos postes para os nossos fios. Era um trabalho danado, tinha que levar horas antes da irradiação, é interessante isso”.³⁷

É interessante como a narrativa nos permite traçar um mapa imaginário do centro da cidade. A santa deixa o trem, vindo de São Luís do Maranhão, em Timon, cidade que fica de frente para Teresina. A procissão começa na cidade maranhense, atravessa o rio Parnaíba e desloca-se até a estação ferroviária (hoje localizada no bairro Centro) sobe a Avenida Frei Serafim (na época, a principal da cidade) e volta para o centro histórico, onde está localizada a Igreja das Dores. Para as dimensões da cidade de hoje, esse percurso era curto todavia tornava-se dificultoso, pois era acompanhado por locutores e técnicos de som estendendo fios nos postes de iluminação pública porque a emissora não possuía ainda o carro de frequência modulada.

José Eduardo Pereira detalha o ofício de fazer rádio no Piauí num momento em que as condições técnicas ainda eram muito precárias, mas ele sabia que era importante aproveitar a passagem da santa para angariar fama junto aos católicos.

No começo da década seguinte implantou-se no país uma ditadura e a imprensa foi atingida pela censura. Homens e mulheres que trabalhavam no rádio à época guardam na lembrança momentos difíceis. Joel Silva, considerado por um diretor da Rádio Pioneira de Teresina como um ícone do Rádio no Piauí, é da opinião que todo o sistema foi “submetido a uma ordem radical”, as emissoras tinham que se limitar a cumprir o que era determinado pelas Forças Armadas. Os diretores tinham que observar as leis, os decretos.

“Nós éramos cadastrados, não era só o registro, nós tínhamos que fazer o cadastro na Polícia Federal para podermos exercer a nossa utilidade. Nossa dificuldade estava em cumprir um protocolo rigoroso. A programação musical tinha que ser encaminhada para o Departamento Cultural com 24 horas de antecedência, onde eram feitas as devidas observações e era carimbada quando autorizada. Então, eram essas as dificuldades do ponto de vista técnico. Do ponto de vista ideológico nós não tínhamos uma posição assim muita definida. O nosso foco era a comunicação”.³⁸

Não se depreenda dessa intervenção de Joel Silva, como a posição de alguém acomodado com a forma de como os meios de comunicação, especialmente o rádio, estavam sendo tratados pelos militares. O fato é que Joel Silva apegou-se à sua formação religiosa, de “formação muito disciplinada”, cumpria as determinações e não teve dificuldades tão grandes, acompanhou algumas escaramuças dos militares. Por outro lado, as coisas se foram acomodando e a partir de um dado momento, os “meios de repressão se tornaram mais moderados, porque o difícil era a largada, depois vão se acomodando, e aí então, a convivência passa a ser um pouco menos conflitante. Então, eu peguei uma fase de uma certa estabilidade”.³⁹

É necessário dizer também que na composição das equipes das emissoras locais parecia haver uma certa hierarquização. Descobriram-se indícios e sinais que denunciavam privilégios dos locutores do setor de

jornalismo. Tudo indica que a equipe de jornalismo recebia mais a atenção da direção das emissoras porque os programas desse setor eram os carros-chefes das respectivas programações. Parece não haver dúvidas de que o jornalismo, incluída aí a programação esportiva, nas três emissoras locais, era responsável pelos maiores índices de audiência, portanto, pelo faturamento das emissoras.

Por outro lado, durante a ditadura militar programas musicais eram incentivados com o objetivo de envolver os jovens de forma alienante, mas não se pode generalizar porque foram montados programas de forma inteligente que tinham a função de educar.

Deoclécio Dantas⁴⁰ defende que entre o final dos anos sessenta até meados da década de 1970, quando trabalhou na Rádio Pioneira, a programação radiofônica era montada para educar, educar para a vida. Dentre as muitas figuras importantes do rádio naquele momento, Dantas lembra do radialista Murilo Campelo que apresentava dois programas na Rádio Pioneira, programas que visavam o entretenimento dos ouvintes, mas não tinha apenas essa finalidade pura e simples.

Trabalhando como discotecária, Ana Maria Silva lembra que no início da década de 1970 não se podia abrir o microfone para o ouvinte e quando isso era feito, o ouvinte só podia pedir música. Era orientado “olha não pode falar nada a não ser música”. Nessa época os programas de disc-jóquei tinham muita audiência por conta disso, porque o locutor não podia fazer outra coisa a não ser tocar música e, assim mesmo era censurado.

A escolha das músicas para serem rodadas nos programas tinha que ser cuidadosa. Nem todas as canções da música popular brasileira podiam ser veiculadas. Canções compostas por Chico Buarque de Holanda precisavam passar por uma seleção criteriosa para não atrapalhar o programa. As músicas de protesto, quaisquer que fossem, eram censuradas. Os responsáveis pelos programas de animação comunitária, não podiam utilizar canções que denotassem qualquer tipo de crítica porque tinham o trabalho censurado. A vivência de Ana Maria na Pioneira como discotecária permitiu que aprendesse a lidar com os censores:

“Eu vivi uma experiência muito forte que ainda hoje marca a minha vida por conta de uma música que eu coloquei no ar. Não sei se eu posso já falar assim agora, né? Foi uma música chamada

Apesar de Você, do Chico Buarque. Nessa época, quando eles [representantes das empresas fonográficas] queriam jogar a música no ar, mandavam não o LP, aquele disco grande, mas aquele compacto simples, com uma única música de um lado e do outro. Eles mandavam no afã de lançar a música logo. Antes a gente fazia uma relação das músicas que seriam rodadas durante todo o mês e mandava para a Polícia Federal que autorizava. Como eu era programadora musical mandei a relação que seria rodada naquele mês pra Polícia Federal. Veio o carimbo autorizando. Só eram colocadas no ar as músicas autorizadas.

Em qualquer programa durante toda a programação de Rádio, em qualquer horário, tinha a relação. A gente tinha que mandar a relação e eles carimbavam, dando OK. Se viesse alguma observação dizendo 'Essa aqui não pode ser tocada', não era tocada. Chegou o disco *Apesar de Você* do Chico Buarque e eu no afã da Rádio Pioneira tocar antes das outras emissoras, (existia também essa concorrência) peguei o disco que havia recebido da gravadora e o levei para o programa que estava no ar *Vamos nós e a música*, apresentado por Nonato Alves, já falecido, morreu em São Luís do Maranhão trabalhando também em uma emissora de Rádio. A Rádio Pioneira funcionava na esquina da Senador Pacheco com a Rua Barroso [...] a três quarteirões da Rádio Pioneira funcionava a Polícia Federal. Imediatamente chegaram Agentes da Polícia Federal e entraram em contato com o doutor Jesus. Eu sem saber de nada fui chamada ao escritório da direção e chegando lá encontrei dois Agentes da Polícia Federal; que só depois eu fui saber que eram Agentes da Polícia Federal. Doutor Jesus não teve como me dizer quem eram, só disse que eu estava sendo chamada. Quando eu entrei que vi, hoje eu não sei se eles eram tão altos assim, mas eu fiquei intimidada. Eu achei que eles eram imensos diante de mim, eram muitos altos, fortes porque pra ser Agente da Polícia Federal tem que ser bem forte. E eu olhei pra eles e fiquei sem entender o quê que estava acontecendo. O doutor Jesus disse: 'Não, eles vão lhe fazer uma pergunta'. Aí eu disse assim: 'qual é a pergunta'. Um deles: 'Porque que a senhora colocou essa música no ar?' Aí eu disse: 'Olha eu coloquei

porque ela acabou de chegar e eu achei interessante que a Rádio Pioneira colocasse no ar, na frente das outras, pela concorrência que existe. Eu achei interessante que a Rádio Pioneira colocasse no ar logo. E em segundo lugar porque é uma música muito bonita que fala de amor. Eu sinceramente não tinha percebido que tinha alguma coisa haver. É uma música que fala de amor, uma pessoa que ta apaixonada que ‘apesar de você’ eu vou viver, eu vou ser feliz, enfim’. Um deles disse: ‘Ta bom, sente aí’. Fiquei sentada. O doutor Jesus manda o Ariosvaldo, que tava logo ali perto, chamar o apresentador do programa que estava no ar, o Nonato Alves. Nonato chegou, ele fez a mesma pergunta pro Nonato: ‘Por quê o Nonato tinha rodado aquela música no programa?’ O Nonato sem entender disse: ‘Não é porque chegou agora e a dona Ana Maria levou e eu toquei’. E ele disse: ‘E o quê que o sr. acha da musica?’. ‘É uma música bonita, é uma música bonita’. Aí virou pra mim e pro Nonato e disse: ‘Vocês estão proibidos, de hoje em diante de tocar qualquer música que não esteja naquela relação e o disco vai ser recolhido pela Polícia Federal’. Doutor Jesus abre a porta novamente pede para o Ariosvaldo ir buscar o disco. Ariosvaldo trouxe o disco e foi a última vez que eu vi esse disco. Muito tempo depois recebemos o Lp, a música havia sido retirada do disco. Depois de muito tempo recebi o disco, mas aí nessas alturas já tava livre. A gente já podia rodar. Eu peguei esse disco novamente levei pro ar, rodei e disse: ‘Olha roda isso aí’. Sempre que eu vou programar essa música, me lembro desse episódio e programa com muito prazer, não em revide, mas eu tenho muita vontade de ouvir. ‘Apesar de Você’ ficou muito marcada na minha vida”.⁴¹

Os narradores aqui apresentados ajudam na compreensão da atividade radiofônica como uma atividade importante para a sociedade. Constroem uma memória que respalda a produção de certa história, não apenas do rádio, mas também da cidade onde eles moravam/moram e trabalhavam/trabalham e de algumas atividades econômicas que nela eram/são desenvolvidas. Cada detalhe faz parte de uma memória que está relacionada com o vivido, com a experiência, mas também com a fantasia, com a vontade de ser outro.

Notas

- * Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor da Universidade Federal do Piauí.
- ¹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- ² GROSSI, Yonne de S.; FERREIRA, Amauri C. Razão narrativa: significado e memória. *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo, n. 4, p. 39-54, 2001.
- ³ PERNAMBUCO, José de Ribamar Aquino. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2001.
- ⁴ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 16.
- ⁵ BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- ⁶ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Op. cit.
- ⁷ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- ⁸ PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história. Nove entrevistas*. São Paulo: UNESP, 2000.
- ⁹ DIÁRIO OFICIAL. Teresina, 1940.
- ¹⁰ SILVA, José Raimundo Teixeira e. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento e Geraldo Almeida Borges*. Teresina, 1990.
- ¹¹ Ibid.
- ¹² DIÁRIO OFICIAL. Teresina, 1940, p. 3.
- ¹³ Ibid., p. 1.
- ¹⁴ DIÁRIO OFICIAL. Teresina, 1940, p. 3.
- ¹⁵ Ibid.
- ¹⁶ Ibid.
- ¹⁷ RÁDIO EDUCADORA DE PARNAÍBA, 1985, p. 5.
- ¹⁸ SANTOS, José Lopes dos. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 1998.
- ¹⁹ Ibid.
- ²⁰ PERNAMBUCO, José de Ribamar Aquino. Op. cit.
- ²¹ Ibid.
- ²² Ibid.

- ²³ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 348
- ²⁴ DIÁRIO OFICIAL, Teresina, 1940, p. 4.
- ²⁵ REGO, Ana Maria de Araújo e Silva. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2001.
- ²⁶ Ibid.
- ²⁷ SILVA, José Raimundo Teixeira e. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento e Geraldo Almeida Borges*. Teresina, 1991.
- ²⁸ Ibid.
- ²⁹ Ibid.
- ³⁰ MEIO NORTE, 2001, p. 02.
- ³¹ GROSSI, Yonne de S.; FERREIRA, Amauri C. Razão narrativa: significado e memória. Op. cit.
- ³² MONTENEGRO, Antonio Torres. Padres e artesãos: narradores itinerantes. *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo, n. 4, p. 25-38, 2001.
- ³³ SANTOS, José Lopes dos Santos. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 1988.
- ³⁴ Ibid..
- ³⁵ CASTRO, Dídimo de. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 1990.
- ³⁶ SILVA, José Raimundo Teixeira e. Op. cit.
- ³⁷ PEREIRA, José Eduardo. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento e Geraldo de Almeida Borges*. Teresina, 1990.
- ³⁸ SILVA, Joel. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2001.
- ³⁹ Ibid.
- ⁴⁰ DANTAS, Deoclécio. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2002.
- ⁴¹ SILVA, Ana Maria. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2002.

Bibliografia

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- CASTRO, Dídimo de. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- DANTAS, Deoclécio. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2002.
- DIÁRIO OFICIAL. Teresina, 1940.
- GROSSI, Yonne de S.; FERREIRA, Amauri C. Razão narrativa: significado e memória. *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo, n. 4, p. 39-54, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- MEIO NORTE, 2001.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. Padres e artesãos: narradores itinerantes. *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo, n. 4, p. 25-38, 2001.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história*. Nove entrevistas. São Paulo: UNESP, 2000.
- PERNAMBUCO, José de Ribamar Aquino. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2001.
- PEREIRA, José Eduardo. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento e Geraldo de Almeida Borges*. Teresina, 1990.
- REGO, Ana Maria Araújo Silva e. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2001.
- SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SANTOS, José Lopes dos. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 1998.
- _____. *Dados sobre a história do rádio piauiense*. Teresina: s/e, 1990.
- SILVA, Ana Maria. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2002.

SILVA, Joel. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2001.

SILVA, José Raimundo Teixeira e. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento e Geraldo Almeida Borges*. Teresina, 1990.